

W.T. Stead e a imersão jornalística: uma análise retórica da não-ficção como ficção¹

Victor Fermino da Silva²

Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, SP

Resumo

Este artigo busca entender o motivo e propósito da reportagem *The Maiden Tribute of Modern Babylon*, de William Thomas Stead, e como ela poderia representar um paralelo fundamental para as propriedades do jornalismo Gonzo. Através de uma análise retórica e da compreensão de conceitos-chave do Gonzo e dos gêneros do discurso, quero dissecar o texto e alocar a ele um papel na cena canônica do jornalismo que precede as pirâmides invertidas.

Palavras-chave

literatura; gonzo; jornalismo; retórica.

Corpo do trabalho

Publicada ao longo de nove dias do mês de julho de 1885 no jornal britânico *Pall Mall Gazette*, a reportagem intitulada *The Maiden Tribute of Modern Babylon*, de William Thomas Stead, denunciava a cena subterrânea de prostituição infantil. O texto narrava a compra de uma garota de treze anos por cinco libras, assim como seu eventual abuso sexual por parte do comprador. A publicação escandalosa vendeu milhões em uma semana, mas não demorou para que algumas distribuidoras se recusassem a circular cópias da reportagem.

Sob uma ótica retrospectiva, há uma associação dos textos de W. T. Stead ao New Journalism. Não só isso: Stead foi contemporâneo de George Bernard Shaw, crítico literário e dramaturgo que teceu fortes críticas ao governo britânico e o faria por décadas a seguir (RITSCHER, p. 13). Este artigo busca compreender como um texto escandaloso da Inglaterra vitoriana possui uma das propriedades que fundamentam o jornalismo imersivo, não só do ponto de vista da composição discursiva como, principalmente, da retórica.

Dias após a publicação, o público pressionou políticos clamando por uma reforma nas leis de consentimento. Em sete de agosto de 1885, a comoção se tornava lei: a idade de consentimento foi de treze a dezesseis, mudança que permanece em vigor na Inglaterra até hoje. O pânico causado pela reportagem abateu a corrente de

1. Trabalho apresentado no GP Teorias do Jornalismo, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

2. Mestrando do Curso de Comunicação da Universidade Metodista de São Paulo, e-mail: vicfermino@icloud.com

Em maio de 1886, Stead publicou um artigo intitulado *Government By Journalism*. Era quase um manifesto que proclamava o fim dos governos autocráticos e colocava o jornalismo como novo órgão pelo qual se fariam as leis e se tomariam as decisões. Para ele, os repórteres podiam ser guias ativos no desenvolvimento de políticas públicas. Escrever e reportar para direcionar a atenção dos leitores às agendas importantes para a sociedade como um todo. Para Stead, aquela era uma nova maneira de se fazer política.

Sabendo do possível pânico moral que uma reportagem tão visceral poderia causar, o editor do *Pall Mall Gazette* advertiu seu público com um primeiro texto, publicado em quatro de julho de 1885:

Embora estejamos compelidos, pelo interesse público, a publicar a história completa pela legislação de consentimento infantil, ou melhor, pelas porções nas quais é universalmente admitido necessário, não buscamos forçar olhos inocentes à doentia história dos desenvolvimentos criminosos do vício moderno. (STEAD, 1885, tradução nossa)

A aventura de Stead ressoava interesses de órgãos maiores. O então Camareiro da cidade de Londres (uma espécie de diretor de finanças da prefeitura, na época), Benjamin Scott, chamou o jornalista para encomendar uma reportagem que pudesse movimentar a opinião pública a favor da aprovação de uma lei mais severa para proteger crianças e adolescentes (WHYTE, p. 160).

Se o público se encontrava frustrado com o escândalo e o pânico social causados por um jornalista renomado se engajando em práticas criminosas, há um lado que o considera um grande repórter justamente devido a essa ousadia na profissão. Sob a editoria de Stead, o *Pall Mall Gazette* se tornava o mais vívido e mais aventureiro dos jornais diários (WHYTE, p. 100).

Mas a questão que fica é: onde termina o jornalismo escandaloso e onde começa o jornalismo imersivo?

Muito antes do Gonzo

Mais importante que destacar a já estabelecida posição de W. T. Stead no cânone do proto-New Journalism, gostaria de contestar a importância do texto dentro de outra linha do tempo: a do jornalismo Gonzo. Mais especificamente, como um olhar privilegiado do

presente nos permite observar *The Maiden Tribute of Modern Babylon* através dos olhos conceituais de Eduardo Ritter.

Não dá para dizer que Stead foi um autor do jornalismo Gonzo, por vários motivos: dentre os mais óbvios além daquele que envolve viagem no tempo, o mais relevante é aquele que salienta a natureza de gênero discursivo do conceito de Gonzo: Stead não tratava da mesma temática, não tinha o mesmo estilo e tampouco a mesma composição (BAKHTIN, 2016) que um texto imersivo de Hunter S. Thompson.

Ainda assim, há uma insistência de alguns autores em ligar Stead ao New Journalism ou ao conceito de jornalismo imersivo, comumente associado ao jornalismo Gonzo. Além do elemento de ficcionalização, há o elemento que provém do conceito aliado à palavra grega *parresía*:

Sob que forma, em seu ato de dizer a verdade, o indivíduo se constitui e é constituído pelos outros como sujeito que pronuncia um discurso de verdade, sob que forma se apresenta, a seus próprios olhos e aos olhos dos outros, quem diz a verdade (FOUCAULT, 2011 apud RITTER, 2015)

A prática *parresiástica* é a prática de dizer a verdade, de colocar seu emissor em maus lençóis. Mas afinal, como estabelecer uma relação de *parresía* quando falamos de um jornalista que forjou um cenário para produzir uma reportagem? É mais complicado que isso. O discurso da verdade pode se valer de metáforas e de ficção para se caracterizar como parresiástico, bastando dizer uma verdade e colocando seu emissor em risco (RITTER, p. 127). Stead não fantasiou uma situação a seu bel-prazer; ele de fato demonstrou quão fácil era o acesso ao mercado de tráfico humano e acabou preso por isso.

Stead havia se revoltado com um conceito em particular: um ex-diretor da Scotland Yard chamado Howard Vincent contou que haviam homens e mulheres que recrutavam garotas de treze anos para trabalhar em uma casa suspeita. Lá, elas poderiam ser violadas sem consequências. Ora, se elas consentiram em trabalhar lá, elas estavam conscientes do que as esperava. Stead perguntou a Vincent se as garotas não gritavam ou faziam um inferno. Vincent disse que os gritos sequer acordavam os vizinhos. “Então eu vou fazer um inferno!”, declarou Stead. (WHYTE, p. 161)

Com o apoio de pessoas que estavam interessadas em acabar com a prostituição infantil, Stead conseguiu não ficar sozinho na empreitada. Ter alguns aliados na busca pelo dizer a verdade não quer dizer uma traição da postura da *parresía*. Não quando os aliados não fazem parte do poder hegemônico ou tirânico do qual o *parresiasta* é contra-agente.

O parresiasta não só assume o risco, como também deve colocar sua verdade em um plano intransigente. A verdade não deve ser negociável para ele. E quais seriam as consequências? Ao falar verdades no espaço público, se assume o risco de prisão, isolamento, condenação, perseguição, rejeição, a demissão e até a morte (RITTER, p. 66).

A postura de Stead possuía caráter contra-hegemonico: a lei que elevaria a idade de consentimento, dificultando a legalidade da venda de “empregadas” de treze anos, estava em processo na câmara dos legisladores desde 1881. O problema é que uma parte dos legisladores não estava interessada em aprovar uma mudança tão aparentemente radical e outra aparentava interesse na continuidade da lei como estava. Nenhum grande corpo político conseguia verba ou voz para transformar o projeto em lei, até que Stead reportasse a crise. Após sua aprovação, a lei seria chamada de Stead Act (WHYTE).

Ritter (2015) salienta que a prática parresiástica está diretamente ligada àquele que discursa. A fala de Stead é inseparável de seu discurso, e conferir a sua reportagem uma carga de *parresía* jornalística é essencial para a sua análise retórica. Na análise retórica deste artigo, a discussão é tanto sobre o texto produzido por Stead quanto sobre seu *ethos* como autor.

Gêneros do discursos

Para Mikhail Bakhtin, as palavras são mais do que um rearranjo de significações por meio de signos. Para nós, vale entender, acima de tudo, a contínua alternância dos emissores de discurso para compreender Stead no grande tempo. Como gênero secundário, precisamos entender e aceitar a natureza heterogênea do jornalismo.

Se não devemos entender *The Maiden Tribute of Modern Babylon* como Gonzo, devemos ao menos compreender como um texto jornalístico pode incorporar tantas propriedades de outro. “Nenhum discurso é *novo*; tudo faz parte de uma corrente na qual há um ‘antes’ e um ‘depois’. Cada palavra carrega consigo a possibilidade de agregar significados, cada vez mais sentidos sem deixar de lado os sentidos antigos” (PASSOS, ORLANDINI, p. 4).

A alternância dos sujeitos do discurso, que emoldura o enunciado e cria para ele a massa firme, rigorosamente delimitada dos outros enunciados a ele vinculados, é a primeira peculiaridade constitutiva do enunciado como unidade da comunicação discursiva, que o distingue da unidade da língua (BAKHTIN, p. 35)

Não soa justo dizer que o texto de Stead é uma forma rudimentar de qualquer outro gênero ao qual ele não pertence. As metáforas bíblicas e gregas do texto pouco tem em relação às viagens ousadas de Hunter S. Thompson.

Uma possível resposta a esta pergunta pode residir no conceito bakhtiniano de “grande tempo”. Textos e textos, historicamente simultâneos, mudando e se expandindo ao interagir com novos contextos e outros textos (BUBNOVA, p. 11). Se este conceito puder ser aplicado a nossa análise, entendemos o texto de Stead não como um precursor nem como um protótipo, mas como um colega de papo dentro da universalidade de textos que compõem a língua. A questão que fica é: quão próximo é esse colega discursivo do clube selete de jornalismo literário, incluindo o Gonzo?

Quando se fala de gêneros do discurso de matriz bakhtiniana, pensamos em três pilares (sem contar a arquitetônica): temática, estilo e construção composicional.

Como dito anteriormente, os estilos de Stead e Thompson são muito diferentes. Enquanto Thompson declarava sua coragem de falar a verdade, Stead teve que ocultar; enquanto Thompson fazia piadas, Stead usava de alegorias míticas à la James Joyce em *Portrait of the Artist as a Young Man*.

Talvez na construção composicional tenhamos algo mais comum entre os dois: duas séries de reportagens, feitas em textos que iam além da manchete e da narração objetiva.

Mas é na temática que encontramos um ponto mais forte que Stead tem em comum com o Gonzo: a publicação da *obscenidade*. Não a obscenidade objetiva, mas a *obscenidade* imaterial. A ofensa à modéstia (BATAILLE, p. 215).

Nesta proposição contínua há uma verdade contínua: tabus fundados no terror não estão lá apenas para serem obedecidos. Há sempre um outro lado para o assunto. É sempre uma tentação derrubar uma barreira; a ação proibida ganha um significado que não tinha antes do medo alargar o abismo entre nós e a barreira e a investe com aura de excitação (BATAILLE, p. 48, tradução nossa).

Neste ponto, o conceito que Ritter expõe e o conceito de Bataille dialogam bem mais. A obscenidade batailleana também pode representar um ideal contra-hegêmico, pois o discurso do autor francês confrontava diretamente os dogmas religiosos que, para Foucault, poderiam fazer o papel da tirania. A diferença é que o conceito de *parresía* é naturalmente ligado ao processo de comunicação, conferindo também a possibilidade de

uma resposta no momento da recepção, que é o risco de punição. Já a *obscenidade* está ligada ao movimento, não à ação.

Ainda assim, a conexão dialógica coloca os dois textos como comuns em pelo menos algumas partes, mas essa não deve ser a única familiaridade. Não se trata apenas do discurso e das palavras, mas também de tudo que correu pela cabeça de Stead durante a universalidade histórica do processo de redação.

Análise retórica

Antes de começar a analisar a retórica do discurso de Stead por meio da ótica de Kenneth Burke, é necessário esclarecer alguns pontos históricos: o primeiro é a veracidade da narrativa, que incorpora elementos de ficção inclusive na sua construção dramata. Stead descreve um comprador anônimo como um terceiro, mas, na realidade, o jornalista quem comprou a escrava. O abuso sexual cometido por essa personagem, no entanto, não fora cometido por Stead. Parte da história havia sido forjada, em conjunto com o Exército da Salvação, e a garota que Stead comprara, chamada Eliza Armstrong, depois foi encontrada na França. (RITSCHHEL, p. 14)

Em novembro de 1885, W. T. Stead foi preso. Mas não foi uma prisão qualquer. Foi uma oportunidade para chamar a atenção de mais leitores. Durante sua estadia, continuou editando o jornal, recebendo visitas e, acima de tudo, escrevendo. Sua primeira obra dentro da prisão, chamada *My First Imprisonment*, descrevia, com detalhes literários, o ambiente prisional de ferro e pedra (WHYTE, p. 188).

Para fazer a análise, optei pelo modelo dramata de Kenneth Burke. Chamado de análise pentádica, ele é um processo no qual um discurso é analisado a partir de cinco elementos teatrais (*ato, cena, agente, agência e propósito*). A sua finalidade é encontrar o elemento dominante e como ele dirige o discurso do ponto de vista teórico (BURKE, 1945). Com o elemento dominante, podemos encontrar a motivação por trás do discurso, e então entender o papel do emissor.

Neste caso, a análise serve para confirmar a natureza *parresiástica* de Stead. Comprovar o comprometimento com a verdade do editor do *Pall Mall Gazette* ou então refutá-la. De uma maneira ou de outra, uma das motivações retóricas deste artigo é aplicar a retórica de Burke em um texto jornalístico tão escandaloso quando o de Stead.

Ato, Cena, Agente, Agência, Propósito. Embora, no decorrer dos séculos, o homem tenha mostrado grande habilidade e criatividade ao

ponderar motivação humana, é possível simplificar o assunto através desta pênade de termos-chave, que são compreensíveis de cara. Eles não precisam nunca ser abandonados, visto que todos os discursos que atribuem motivos aparentam surgir ou terminar dentro deles (BURKE, p. xv, tradução nossa)

O ponto da análise é reconhecer os motivos por trás do discurso, da forma como foram publicados. Para fazê-la, é preciso separar o discurso em cinco, e deixá-los bem declarados. No caso da reportagem de Stead, a tarefa se mostra mais difícil, pois há mais de um enunciado no mesmo texto, e também sabemos dos bastidores da produção de tal texto.

O *ato* (participação observante do submundo da prostituição infantil em Londres) é um elemento essencial para a narrativa. A imersão de Stead em um lado escandaloso e hostil de Londres foi a premissa escolhida para chamar a atenção para a série de textos.

Tanto o *agente* quanto a *cena* são colocados como relativamente mundanos: Stead se narra como um observador que meramente coleta relatos sobre o caso. É o típico narrador da verdade objetiva do jornalismo. Já a *cena* tem como palco nos becos e bordéis sujos de Londres. Não era segredo para os leitores do *Pall Mall Gazette* que a capital inglesa tinha seus pontos sujos, afinal.

Há algumas correlações que devem ser levadas em conta ao fazer esta análise: Cena-Ato e Cena-Agente. A correlação entre cena e ato se deve à consistência entre o local onde a cena ocorre e a natureza da cena em si (uma floresta sombria sugere perdição, medo); já a correlação entre cena e agente se deve à relação de seres humanos com os lugares onde vivem (uma região suburbana sugere crianças pobres, comerciantes). Estes dois princípios se aplicam em *The Maiden Tribute of Modern Babylon*: a *cena* de uma Londres suja, descrita como sendo “convulsionada pelo mal” (STEAD, 1885), infere em uma antecipação de *atos* criminosos, assim como declara a participação de *agentes* como repórteres, prostitutas, ladrões e exploradores de todos os tipos.

A propriedade discursiva que aparenta dominar a retórica é a da *agência*. A aquisição de uma criança como escrava já era um tabu mesmo na sociedade vitoriana de 1885, mas a facilidade de acesso domina a natureza retórica do discurso apresentado. Embora seja um ponto significativo na criação da narrativa, visto que foi essa forma de agir que levou Stead à prisão e o público ao pânico moral, é importante elaborar que ela não seria nada sem o *propósito*.

Burke entende que *propósito* e *motivo* são coisas diferentes. No caso da reportagem de Stead, o propósito é o de denúncia. Fica claro que o *agente* fez aquilo porque estava observando, e no papel de jornalista, precisava denunciar. Já o *motivo* não pertence ao eu-lírico jornalístico descrito no texto em primeira pessoa, mas ao autor, como entidade emissora do discurso.

Sabendo da predominância da *agência* no texto, o que buscamos entender é a motivação por trás da redação do texto. Da emissão do discurso. Em outros discursos, essa divisão é muito mais clara: quando eu conto a história de Édipo, o *propósito* é da personagem, mas o *motivo* é meu. Eu posso estar contando a história porque quero chocar, porque quero dar um exemplo, porque quero falar de Freud. Há várias possíveis razões.

Outra questão explicitada por Burke que ajuda a entender o que Stead queria fazer é o estabelecimento de um herói na narrativa. A definição de herói é um pouco mais abrangente que a germânica ou a grega, por exemplo. Aqui, o herói é um mecanismo narrativo. Não precisa, necessariamente, ser um protagonista.

Um herói é primeiramente um homem que faz coisas heróicas: e seu “heroísmo” reside em seus atos. Mas mais que isso, um herói pode ser um homem com a potencialidade de ação heróica. Soldados em uma guerra funcionam assim. O heroísmo reside em suas propriedades de soldados
(BURKE, 1945, p. 42, tradução nossa)

Stead, dentro do texto, é um homem que exibe potencialidade de tomar ação heróica. Um paráfono moral em meio a um mundo corrupto. A imagem do jornalista que pode lutar, pode denunciar ou pode apenas observar, mas continuará sendo, em termos dramatas, um representante da figura do herói.

Portanto, num texto jornalístico, em primeira pessoa, o *propósito* quase sempre é informar a respeito de um fato. Mas e a motivação? Seria este o caso de uma motivação *parresiástica*?

Verdade insincera

O *motivo* de Stead fica mais claro quando pensamos além do texto e analisamos também o autor. Sabemos que o eu-lírico tinha um propósito claro: informar. Também sabemos que o jornalista não estava expressamente falando a verdade. O que sabemos, no

entanto, é que ele estava ativamente alinhado a grupos que queriam construir uma narrativa que causasse pânico nas massas.

Em meio a uma população inerte, o que surgiu em 1885 foi uma série de reportagens eloquente, escandalosa e, talvez acima de tudo, verdadeira. Não se tratava de mudar as leis ou chocar por chocar. Tratava-se de dar à sociedade aquilo que ela precisava ver. Um chacoalhão discursivo.

Quando o público é míope – e em muitas ocasiões o público é praticamente cego – você deve imprimir em caixa alta. Se você imprimir normalmente, é como não imprimir nada. Ao falar com o surdo é melhor não falar nada a sussurrar. (STEAD, 1886, p. 671)

Por meio da sua construção de uma narrativa fundamentada em um problema que ele provou ser real, o autor reproduziu uma verdade dentro da ficção. Pode-se até brincar com os conceitos e pensar em *The Maiden Tribute of Modern Babylon* como não-ficção fictícia baseada na verdade. Claramente, essa atribuição não serve para definir um gênero discursivo ideal para a obra de Stead. Serve, no entanto, para estabelecer um elo arquitetônico entre discursos de séculos diferentes.

Mais do que uma coincidência, uma influência ou um eco, é possível entender Stead (e parte do movimento jornalístico escandaloso do fim do século XIX) como uma continuidade dialógica que constituiria a literatura modernista do início do século XX, o New Journalism ou o jornalismo Gonzo.

Referências

BAKHTIN, Mikhail. **Os gêneros do discurso**. Editora 34, tradução de Paulo Bezerra, 2016.

BATAILLE, Georges. *Erotism: Death and Sensuality*, City Lights Books, 2001. ISBN: 0872861902.

BUBNOVA, Tatiana. O que poderia significar o "Grande Tempo"? **Bakhtiniana, Rev. Estud. Discurso**, São Paulo, v. 10, n. 2 2015.

BURKE, Kenneth. **A Grammar of Motives**. University of California Press, 1945. ISBN-13: 978-0520015449.

PASSOS, Mateus Yuri; ORLANDINI, Romulo. A. Um modelo dissonante: caracterização e gêneros do Jornalismo literário. **Contracampo**. n.18, p.75-96, 2008.

RITSCHER, Nelson O'Ceallaigh. **Bernard Shaw, W. T. Stead and the New Journalism**. Palgrave Macmillan, 2017. ISBN: 978-3-319-49006-9.

RITTER, Eduardo. **Jornalismo gonzo e parresia: mentiras sinceras e outras verdades.** Disponível em <<http://hdl.handle.net/10923/7719>>. Acesso em 17 de março de 2018.

STEAD, William Thomas. **The Maiden Tribute of Modern Babylon.** Disponível em <<https://attackingthediabol.co.uk/pmg/tribute/mt1.php>>. Acesso em 25 de fevereiro de 2019.

_____. Government By Journalism. **The Contemporary Review**, vol. 49, 1886.

WHYTE, Frederic. **The Life of W. T. Stead.** Houghton Mifflin Co, 1925.